

RENÉ E. GERTZ
(Tradução, Introdução, Epílogo e Notas)

MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ANARQUISTA
(FRIEDRICH KNIESTEDT)

Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana
Rua Veríssimo Rosa, 311 — Fone 0512 36 11 66
90 610 Porto Alegre — RS — Brasil

de René E. Gertz, **RENÉ E. GERTZ**
 (Tradução, Introdução, Epílogo e Notas)
 Coleção Imigração Alemã

Coordenação: Ruyllor Costa do Instituto Histórico de São Leopoldo

1. Fidélis Dalcin Barbosa. Os Franciscanos de Jacóina, 1975.
2. Fidélis Dalcin Barbosa. Luis Bugre, 1977.
3. Telmo Lauro Müller. Colônia alemã: histórias e memórias, 1977, 1981.
4. Carlos Henrique Hunsche. Prémordios da vida judicial de São Leopoldo, 1979.
5. Carlos Benito Hofmeister. O povo de gaúcho, 1980.
6. Telmo Lauro Müller (O povo de gaúcho e colonização alemã), 1980.

S U M Á R I O

Introdução. René E. Gertz	5
Memórias. Friedrich Kniestedt	7
Epílogo. René E. Gertz	159
Notas. René E. Gertz	161
Fonte dos Textos	165

10. Arildo Thön. Manoel Pereira Brodt: herói da guerra do Paraguai, 1982.
11. Carlos de Souza Mendes. O colono alemão, 1982.
12. Carlos Henrique Hunsche. Protestantismo no Sul do Brasil, 1980.
13. Hilón A. H. Flores. A canção dos imigrantes, 1981.
14. Günter Webner (Trad.). Memórias de imigrantes, 1982.
15. René E. Gertz (Trad.). Memórias de um imigrante anarquista, 1980.

Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana
 Rua Veríssimo Rosa, 311 — Fone 0512 38 11 88
 00 610 Porto Alegre — RS — Brasil

INTRODUÇÃO

A bibliografia sobre a imigração alemã no Brasil já é significativa. Mas se a compararmos com a que existe sobre a imigração italiana, verificaremos que um tema que ocupa lugar de destaque nesta última está totalmente ausente na primeira: não há qualquer referência no sentido de que imigrantes alemães ou seus descendentes tivessem exercido qualquer papel na história do movimento operário no Brasil.

Hoje em dia, porém, pode-se apontar este fato como uma clara lacuna na bibliografia, porque no Rio Grande do Sul, e mais especificamente em Porto Alegre, a presença de operários alemães nos primórdios das lutas e da organização operária é significativa. Em 1892 surge uma organização operária social-democrática, o **Allgemeiner deutscher Arbeiterverein**, que vai sobreviver até a Primeira Guerra. E independente do pertencimento ou não a qualquer organização deste tipo os operários de origem alemã estão sempre presentes nas lutas dos operários riograndenses. O **Correio do Povo** de 11 de outubro de 1906, por exemplo, afirma no noticiário sobre as greves que estavam em andamento naquele momento que «a polícia traz vigiados dois súditos alemães, homens inteligentes e instruídos, que são apontados como os dois principais promotores e instigadores do movimento».

Naturalmente a assim chamada «colônia alemã» muitas vezes se escandaliza com as posições e as lutas destes operários. E isto provavelmente explica seu esquecimento pela historiografia corrente. Temos um exemplo de reação da «colônia alemã» na posição manifestada por Alberto Bins durante estas mesmas greves. Em declaração transcrita no **Correio do Povo** de 16 de outubro de 1906 Bins afirma lamentar «que alemães hajam e estejam desmentindo o bom nome da colônia alemã do Rio Grande, a qual sempre gozou dos foros de ordeira e progressista».

Após a Primeira Guerra o **Allgemeiner** será substituído pelo **Sozialistischer deutscher Arbeiterverein** de orientação anarquista, onde a figura central passa a ser Friedrich Kniestedt, cujas «Memórias» são aqui apresentadas em tradução para o português.

Na tradução procurei ser o mais literal possível. Foram acrescentadas algumas notas de rodapé ao texto, para facilitar a compreensão de algumas passagens ou para esclarecer termos e nomes.

Como os jornais nos quais elas foram originalmente publicadas eram editados em condições precárias, há algumas poucas passagens em que o texto está truncado. Estas passagens estão assinaladas com reticências entre colchetes. Em nenhum momento estes cortes, porém, comprometem seriamente a continuidade e a compreensão do texto.

Em alguns poucos casos foram feitos acréscimos no próprio texto. Estes acréscimos foram colocados entre colchetes. Tudo o mais, inclusive a pontuação e demais sinais gráficos, encontra-se no original.

Não posso encerrar estas notas introdutórias sem dizer uma palavra de gratidão aos descendentes de Friedrich Kniestedt, em especial à nora Marie Elise Wilhelmine Bartolomäus Kniestedt, aos netos Maria-Clara Helga Kniestedt e Walter Frederico Paulo Helmuth Kniestedt e à neta-adotiva Ilka Ranow Nascimento, que forneceram material e informações sobre o autor das «Memórias».

René E. Gertz*

(*) Professor nos Departamentos de História da PUCRS e da UFRGS. Este trabalho foi realizado como bolsista do CNPq.



«Em fevereiro de 1925 abri uma livraria com o nome de **Livraria Internacional**. Inicialmente pequena, minha mulher cuidava dela ao lado dos seus afazeres normais. Em 1927 vendemos nosso terreno e ampliamos o negócio, transferindo-o para a R. Voluntários da Pátria, 1195, onde ganhávamos o suficiente para nosso sustento... As vitrines de minha loja há muito tempo representavam uma trava no olho dos nazistas; ali eram expostos livros de autores que estavam proibidos no 'Terceiro Reich'. Havia inscrições berrantes: 'proibido por Hitler', 'noite de São Bartolomeu', 'Hitler, tuas vítimas acusam'».